

SABERES DA TERRA: EXPERIÊNCIA DE COMPOSTAGEM E SUSTENTABILIDADE NO ILÉ ÀSÉ OJÚ DAN LÁYÉ

João Vitor dos Santos Ramos[1]
Tais Carolane Souza Almeida[2]
Camila Vitoria Ferreira Costa[3]
Daniele de Brito Trindade[4]

Palavras-chave: Compostagem; Educação Ambiental; Saberes Tradicionais;

INTRODUÇÃO

A intensificação da geração de resíduos sólidos urbanos, sobretudo os de natureza orgânica, configura-se como uma das principais problemáticas socioambientais enfrentadas pelas sociedades contemporâneas. No contexto brasileiro, estudos apontam que entre 50% e 60% do total de resíduos sólidos produzidos são compostos por matéria orgânica biodegradável. Diante desse panorama, a compostagem desponta como uma alternativa viável, ecologicamente adequada e de simples execução. Trata-se de um processo biológico aeróbico e controlado, que transforma resíduos orgânicos em adubo natural, contribuindo para a diminuição do volume de lixo e a produção de um fertilizante rico em nutrientes (Ismael *et al.*, 2013).

Nos espaços urbanos e institucionais, essa prática tem sido incorporada como instrumento de educação ambiental, promovendo não apenas o manejo adequado dos resíduos, mas também a conscientização da população sobre práticas sustentáveis e integradas ao cotidiano (Guenther *et al.*, 2020). Em contextos em que a cultura, a

[1] Graduando em Licenciatura em Ciências Biológicas, Instituto Federal Baiano – *Campus* Guanambi.
[2] Graduanda em Engenharia Agronômica, Instituto Federal Baiano – *Campus* Guanambi.
[3] Graduanda em Licenciatura em Ciências Biológicas, Instituto Federal Baiano – *Campus* Guanambi.
[4] Doutora em Estatística, Instituto Federal Baiano – *Campus* Guanambi, Professora EBTT de Estatística.

espiritualidade e o meio ambiente se entrelaçam, como nos terreiros de religiões de matriz africana, a compostagem adquire novos sentidos, ressignificando o cuidado com a terra a partir da cosmovisão afro-brasileira.

Os terreiros de candomblé não são apenas centros religiosos, mas espaços de resistência, de preservação de saberes tradicionais e de práticas ecológicas enraizadas em uma espiritualidade que reconhece a natureza como sagrada. Os Orixás, divindades cultuadas nessas religiões, estão diretamente associados a elementos naturais como as águas, os ventos, as folhas e a terra (Martins, 2015), o que torna práticas de cuidado ambiental parte inseparável da vivência religiosa.

Nesse sentido, a compostagem emerge não só como solução ambiental, mas como reafirmação de princípios ancestrais e de pertencimento coletivo. A educação nesses espaços é marcada pela oralidade, pela vivência e pelo simbolismo ritual, transformando ações cotidianas, como o cultivo de ervas e o reaproveitamento de resíduos, em práticas pedagógicas e espirituais (Silva *et al.*, 2020).

Diante disso, este trabalho propõe apresentar a experiência de implementação de práticas de compostagem no Ilé Àse Ojú Dan Láyé como parte das ações desenvolvidas pelo projeto de pesquisa "RAÍZES E FOLHAS: preservação dos saberes ancestrais e medicina popular nas religiões de matriz africana". A proposta buscou articular ações sustentáveis de manejo de resíduos com o fortalecimento de práticas religiosas e culturais do terreiro, promovendo um espaço de diálogo entre ancestralidade e ecologia.

A metodologia adotada neste trabalho é de natureza qualitativa e participativa, fundamentada na vivência direta com a comunidade tradicional de matriz africana do Ilé Àse Ojú Dan Láyé, localizado na zona rural de Guanambi, região sudoeste da Bahia. Conforme destacam Vital *et al*. (2012), as ações de educação ambiental ganham maior potência transformadora quando são construídas a partir das realidades territoriais e dos modos de vida das populações que neles residem. Desta forma, a participação da comunidade foi central em todas as etapas, reforçando a perspectiva da educação ambiental como prática emancipatória e de construção coletiva do conhecimento (Silva et al., 2020).

A implantação da composteira está em andamento e contempla, até o momento, três visitas técnicas, planejadas conforme as necessidades identificadas no local. A primeira visita (03/11/2025) consistiu no diagnóstico da área de descarte de resíduos orgânicos, onde foram observadas condições inadequadas de acúmulo de matéria orgânica.

A partir desse levantamento, dialogou-se com a liderança religiosa sobre a compostagem como solução simbólica e sustentável. Na segunda visita (09/02/2025), realizou-se a delimitação do espaço para instalação da composteira, considerando critérios técnicos como ventilação, luminosidade e acessibilidade, com orientação do docente da área de Biologia. A terceira visita (15/02/2025) envolveu a limpeza e preparo do terreno, com uso de EPIs e remoção adequada dos resíduos, garantindo condições propícias para o início do processo (Moreira *et al.,* 2010).

Complementarmente, estão previstas ações educativas voltadas à apropriação comunitária da prática, a serem executadas nas etapas seguintes do projeto. Entre elas, destacam-se: a elaboração de uma cartilha informativa, com linguagem acessível e ilustrações sobre o processo de compostagem; e a realização de uma palestra orientadora, com foco na articulação entre os saberes tradicionais e os fundamentos técnico-científicos da compostagem. Essas ações buscarão fortalecer os vínculos entre sustentabilidade, espiritualidade e educação ecológica no contexto do terreiro.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Durante a primeira visita ao Ilé Àsé Ojú Dan Láyé, foi observado o descarte inadequado de resíduos orgânicos, como restos de alimentos e cascas de vegetais,

acumulados no fundo do terreno, em condições precárias. Essa realidade, comum a muitos espaços urbanos e periféricos, revela a necessidade de políticas públicas e ações comunitárias voltadas à educação ambiental e à gestão de resíduos sólidos (Vital *et al*., 2012).

Segundo Moreira *et al*. (2010), a falta de destinação correta para resíduos biodegradáveis pode gerar impactos sanitários, como a proliferação de vetores, além de representar um desperdício de matéria que poderia ser reaproveitada como insumo agrícola. No contexto do terreiro, esse problema também colidia com os princípios de cuidado e respeito à natureza presentes na visão cósmica dos Orixás, reforçando a urgência de uma solução integrada.

A segunda etapa do projeto consistiu na delimitação do espaço para a composteira, guiada por critérios técnicos de ventilação, sombra e acessibilidade. A escolha do local foi feita de forma colaborativa entre os membros da comunidade e a equipe técnica do projeto, fortalecendo o protagonismo da comunidade religiosa. Conforme apontado por Ismael *et al*. (2013), aspectos como o controle de temperatura, umidade e acesso à área são determinantes para o sucesso da compostagem em pequena escala. Ao mesmo tempo, a escuta ativa dos saberes da comunidade foi fundamental para garantir que o espaço respeitasse os fluxos rituais do terreiro e os lugares de força espiritual ali existentes (Silva *et al.*, 2020).

Durante a terceira visita, realizou-se a limpeza completa do terreno, com uso de EPIs para a remoção de resíduos acumulados e desorganizados. A ação visou não apenas a adequação do espaço físico, mas também a prevenção de problemas como infestação de moscas e surgimento de odores desagradáveis, fatores que, segundo a EMBRAPA (2007), comprometem diretamente a eficácia do processo de compostagem.

Além do aspecto técnico, esse momento revelou-se como uma ação simbólica de cuidado e respeito à casa sagrada, sendo percebida pela comunidade como um ato de preparação espiritual do espaço para um novo ciclo de vida e fertilidade. Esse tipo de envolvimento evidencia a potência dos saberes tradicionais na mobilização comunitária para ações ambientais sustentáveis (Martins, 2015; Silva *et al*., 2020).

A implementação da composteira foi acompanhada de ações educativas pensadas de forma sensível e culturalmente situada. A cartilha e a palestra orientadora estão sendo elaboradas com base em princípios da educação ambiental crítica e emancipadora, respeitando a linguagem e os símbolos reconhecidos pela comunidade (Vital *et al*., 2012).

Como propõe Martins (2015), a educação ambiental em contextos afroreligiosos precisa dialogar com a espiritualidade, reconhecendo os Orixás como forças inteligentes da natureza e os terreiros como espaços sagrados de comunhão ecológica. A prática educativa no terreiro não apenas transmitiu informações técnicas sobre compostagem, mas também resgatou o valor simbólico das folhas, da terra, da água e do ciclo da vida, pilares da cosmologia do candomblé.

Espera-se que a composteira proporcione múltiplos benefícios ambientais e sociais. Entre os principais impactos previstos estão: a) redução significativa do lixo orgânico produzido no terreiro, promovendo maior limpeza, higiene e controle de vetores; b) produção de adubo natural para a horta de plantas medicinais, que integra práticas de cura e cuidado dentro da tradição religiosa; c) fortalecimento dos vínculos comunitários, a partir do envolvimento coletivo em uma ação que une cuidado com a natureza e respeito à ancestralidade; d) valorização dos saberes tradicionais, em um diálogo produtivo com práticas contemporâneas de sustentabilidade.

Conforme relatado em experiências semelhantes, como a de Guenther *et al*. (2020), a compostagem, quando integrada ao cotidiano das comunidades, pode se tornar uma ferramenta pedagógica e ambiental altamente eficaz, especialmente por sua capacidade de sensibilizar e engajar os sujeitos em práticas sustentáveis.

No contexto do Território Sertão Produtivo, essa abordagem ganha relevância ao dialogar com a realidade de comunidades que enfrentam desafios socioambientais como o manejo inadequado de resíduos, a escassez de recursos naturais e a necessidade de valorização dos saberes locais. Nessas regiões, onde a terra tem um valor simbólico, produtivo e espiritual profundo, a compostagem não apenas contribui para a redução do impacto ambiental, mas também fortalece a autonomia das comunidades na produção de adubo natural, incentivando o cultivo de hortas e plantas medicinais. Assim, ao ser inserida em espaços como os terreiros de candomblé, essa prática assume um caráter educativo, espiritual e ecológico, promovendo a reconexão com a terra e a preservação dos modos de vida tradicionais frente às pressões do avanço do capital sobre os territórios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A implementação da composteira no Ilé Àsé Ojú Dan Láyé, ainda em processo, representa mais do que uma prática ambiental tecnicamente orientada: trata-se de uma ação simbólica e pedagógica que reafirma os vínculos entre território, espiritualidade e sustentabilidade no contexto do Sertão Produtivo. Ao integrar os saberes tradicionais das religiões de matriz africana com os fundamentos técnico-científicos da compostagem, o projeto "Raízes e Folhas" contribui para a construção de uma ecologia de saberes, na qual práticas de cuidado com a terra também são práticas de resistência cultural e política.

Diante dos desafios impostos pelo avanço do capital e da degradação ambiental nos territórios rurais e tradicionais, a experiência relatada reafirma a importância de reconhecer os terreiros como espaços de produção de conhecimento e de promoção do "bem viver". A valorização de iniciativas comunitárias como esta, baseadas em tecnologias sociais simples, mas profundamente enraizadas nos modos de vida locais, pode inspirar políticas públicas mais sensíveis às especificidades culturais e territoriais da Bahia. Assim, compostar torna-se não apenas um gesto técnico, mas um ato de cuidado com a memória, com o meio ambiente e com os saberes que brotam da terra.

REFERÊNCIAS

EMBRAPA. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Circular Técnica. *Compostagem Caseira de Lixo Orgânico Doméstico*. Cruz das Almas, 2005

GUENTHER, M. et al. Implementação de composteiras e hortas orgânicas em escolas: sustentabilidade e alimentação saudável. *Revista Brasileira de Educação Ambiental*, São Paulo, v. 15, n. 7, p. 391–409, 2020.

ISMAEL, L. L. et al. Avaliação de composteiras para reciclagem de resíduos orgânicos em pequena escala. *Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável*, Mossoró, v. 8, n. 4, p. 28–39, 2013.

MARTINS, F. R. Educação ambiental e Candomblé: afro-religiosidade como consciência ambiental. *Paralellus*, Recife, v. 6, n. 12, p. 265–278, jan./jun. 2015.

MOREIRA, A. M. M.; CARVALHO, L. L.; GÜNTHER, W. M. R. *Composteira experimental em ambiente institucional: instrumento de educação ambiental e busca da sustentabilidade*. In: CONGRESSO USP DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM SUSTENTABILIDADE, 1., 2010, São Paulo. Anais [...]. São Paulo: USP, 2010.

SILVA, A. O. et al. Educação nos terreiros de candomblé: o aprendizado dos saberes tradicionais numa perspectiva de ludicidade. Juazeiro: PPGESA – UNEB, 2020.

VITAL, A. F. M. et al. Implementação de uma composteira e de um minhocário como prática da educação ambiental visando a gestão de resíduos sólidos do CDSA. *Revista Didática Sistêmica*, v. 14, n. 2, p. 78–83, 2012.